

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
GESTÃO E PROCESSO EM EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO**

RUBIA DE ALMEIDA RAMOS

**APRENDIZAGEM POR PROJETOS COMO POSSIBILIDADE DE
INOVAÇÃO METODOLÓGICA EM EDUCAÇÃO.**

ALMIRANTE TAMANDARÉ, PR

2015

Rubia de Almeida Ramos

**APRENDIZAGEM POR PROJETOS COMO POSSIBILIDADE DE
INOVAÇÃO METODOLÓGICA EM EDUCAÇÃO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de especialização da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral – Gestão e Processo em Educação, Diversidade e Inclusão, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa. Me. Suzana Cini Freitas Nicolodi

ALMIRANTE TAMANDARÉ, PR

2015

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E PROCESSOS EM EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO.

Aos doze dias do mês de junho do ano de 2015 (dois mil e quinze), reuniram-se na sala temática Metodologias Inovadoras os membros da banca examinadora: Suzana Nicolodi (orientador),

Loana Porto e Temile Xavier para avaliação do

Trabalho de Conclusão de Curso do (a) cursista: Rubia de Almeida Ramos

, sob o título: Projetos de Aprendizagem Baseados em Problemas como possibilidade de inovação metodológica em Educação.

Após a avaliação deliberou-se que o (a) referido (a) cursista foi aprovado (a) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, tendo obtido conceito APL.

Nada mais havendo a tratar, eu Suzana Cini Turtos Nicolodi (orientador) lavrei a presente ata, a qual será assinada pelos membros da banca.

Suzana Cini Turtos Nicolodi
Orientador

Loana Porto
Avaliador 1

Temile Xavier
Avaliador 2

Rubia A. Ramos
Cursista

APRENDIZAGEM POR PROJETOS COMO POSSIBILIDADE DE INOVAÇÃO METODOLÓGICA EM EDUCAÇÃO.

INTRODUÇÃO

É tema recorrente nas conversas entre profissionais da educação o dilema de como conquistar a atenção das crianças e dos adolescentes com toda a energia que possuem e a tecnologia que os rodeiam para o conteúdo que está sendo explanado pelo professor. De outro lado, ouvimos e vemos por meio de vídeos satíricos e, muitas vezes, violentos na internet um completo desânimo e desinteresse em frequentar a escola e desrespeito por seu espaço.

Este texto busca refletir de que forma a motivação do estudante para com a aprendizagem pode florescer a partir de mudanças no posicionamento do educador. Faz-se necessário observar o ambiente em que se está, com quem e, a partir daí, começar a planejar. É importante que o educando sinta-se parte da escola e perceba que tal ambiente foi elaborado para que ele, juntamente com seus colegas, construam seu conhecimento e sua cidadania.

Nesse sentido, pode-se perceber a significância da aprendizagem por projetos, uma vez que consistem em uma intervenção pedagógica que possibilita à aprendizagem um novo significado, cujas tentativas de resolver situações problemáticas revelam as reais necessidades a serem abordadas pela comunidade escolar. Desse modo, os aprendizes atuam como protagonistas do ato educativo, pois partem deles os temas a serem resolvidos e pesquisados, tornando o processo educativo muito mais significativo.

Partindo para a prática

No ano de 2014, realizou-se o curso Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão na região do Vale da Ribeira, mais especificamente, no município de Almirante Tamandaré, Paraná. Afim de que os conteúdos trabalhados no curso atingissem maior amplitude, o curso possuía como proposta a multiplicação dos conteúdos trabalhados que se dava do seguinte modo: os cursista deveriam dividir-se em equipes e montarem grupos que poderiam ser compostos por

profissionais da educação de diferentes setores para que discutissem o papel inclusivo da escola em suas diversas perspectivas.

A multiplicação ocorreu em dois polos, um no Colégio Estadual Professora Maria Lopes de Paula e outro na Escola Municipal Almirante Tamandaré. A multiplicação realizada na escola municipal ocorreu entre os meses de agosto a novembro de 2014. O módulo que iniciou a multiplicação foi Gestão e Processos de Inovação Metodológica para Diversidade e Inclusão na Educação do qual eu, Rubia, fui a responsável por aplicar.

Os encontros ocorriam das 19 horas às 22 horas, as terças e quintas-feiras. A turma era composta por aproximadamente vinte e cinco alunas, dentre elas uma diretora de escola, uma vice-diretora, coordenadoras pedagógicas e na maioria professoras do Ensino Fundamental 1. Buscamos que nossos encontros se tratassem mais de um diálogo dirigido que buscava a reflexão sobre o nosso trabalho enquanto educadoras do que apenas mais um curso enfadonho carregado de informações que não geravam sentido. Em seguida, desenvolveram-se os seguintes módulos e com a mesma carga horária: Gestão e Processos de Educação da Infância, Gestão e Processos de Educação, Diversidade e Inclusão e Gestão e Processos Educacionais da diversidade – Educação do Campo.

Atuo há, aproximadamente, seis anos na rede pública de ensino e, concomitantemente, na rede particular com as disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Após ministração dos módulos do curso de especialização *Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão* ofertado pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral - senti-me intensamente instigada pelo tema do módulo *Gestão e Processos de Inovação Metodológica para Diversidade e Inclusão na Educação* ministrado pela professora Suzana Cini Freitas Nicolodi. Nele refletimos sobre o sentido das aulas, se será que são significativas aos nossos estudantes e se não são, por que não são e como poderíamos torná-las atrativas. Fiquei a analisar sobre minhas próprias práticas enquanto professora.

Nós professores, desde quando ingressamos na faculdade, aguardamos o momento em que nos ensinarão a como ministrar aulas e como podemos torná-las mais interessantes aos nossos alunos. No entanto, o que mais estudamos são conteúdos conceituais e disciplinares e, muitas vezes, sequer percebemos a relação entre a produção e a aplicação do conhecimento. Assim, ao nos vermos em sala de aula, terminamos por desenvolver metodologias que nos foram impostas e que

acreditamos que foram adequadas. Mais adiante, nos cursos de formação continuada, saímos deles, novamente, com uma enorme dificuldade de relacionar o conhecimento teórico à prática de sala de aula e prosseguimos com o ensino por meio da imposição e reprodução do que nós mesmos sabemos que não tem funcionado.

Nessa perspectiva, este estudo buscou conhecer as concepções das professoras participantes da multiplicação acerca de metodologias inovadoras no processo de aprendizagem e se as executavam em suas práticas; observar se a elaboração das aulas destas docentes levava em conta o contexto social dos estudantes; e, ainda, apresentar as diversas possibilidades da metodologia de Projetos de Aprendizagem Baseado em Problemas.

Conceituando Metodologia Inovadora

Como fruto do século XXI, é comum encontrarmos em sala de aula professores fazendo uso de tecnologias para ensinar e, acreditando assim, ser inovador, no entanto, “a simples modernização da escola nada tem a ver com a inovação” (Sebarroja, 2001, p.17). A tecnologia pode ser usada de maneira desatualizada e tradicional se o professor não se preocupar com essa mediação. Uma vez que o que se busca é a “inovação que não dá atenção ao acessório e à aparência, mas que aprofunda os aspectos importantes de uma nova formação compreensiva e integral” (Sebarroja, 2001, p.18).

Pode-se dizer que o que se busca em inovação em educação é a possibilidade de promover meios diferenciados, atrativos e significativos para o aprendiz no ato educativo. Proporcionando ao educador e ao educando possibilidades de experimentar, construir meios de produzir conhecimento. Para Lück (2006) e Ferretti (1995), é essencial ressignificar o modo de ensinar e aprender, para os autores, o professor deve deixar um pouco de lado o quadro, o giz e o livro didático para trabalhar de maneira mais cooperativa com os seus educandos, compartilhando informações e tornando suas aprendizagens mais atrativas e lúdicas.

Larrosa (2001) afirma que quando muito informamos, ou pode-se dizer aqui, muito ensinamos teorias, cortamos a experiência. Ao tentarmos ensinar teoricamente determinados conteúdos deixamos pouco espaço para a reflexão, para

a sensibilidade, sobrecarregamos nosso aprendiz de informação que, segundo o autor, é uma antiexperiência.

Quando as professoras foram indagadas sobre o que seria para elas Metodologia Inovadora (M.I.) em educação disseram que seria “ensinar de forma diferente o que já se foi ensinado”, como por exemplo, ensinar por meio de jogos. Ou seja, para elas precisava-se primeiro passar pelo método teórico para, em seguida, ir para o método prático.

Foram questionadas, também, sobre quais seriam os recursos utilizados por elas no desenvolvimento de uma M.I e apontaram os seguintes itens: aparelhos de CD e DVD, TV *pendrive*, lousa, laboratório de informática, materiais de papelaria, livros, biblioteca, Datashow, materiais didáticos e paradidáticos.

Agora, quando questionadas sobre o que julgavam imprescindível no desenvolvimento de uma M.I, responderam que além de professor e aprendiz necessitariam: persistência, dedicação, domínio emocional e de conteúdos, respeito, ética, compromisso, coragem, estratégias, motivação e amor, sendo este o mais salientado por elas.

A apresentação do amor como peça importante no desenvolvimento de uma M.I. deixou-me bastante instigada, pois em reuniões com professores que lecionam para o Ensino Fundamental II e Ensino Médio, para os quais também leciono, o amor no ato educativo é, muitas vezes, rechaçado. Acredito que isso se dê por pensarem a palavra como sentimento empregado apenas entre familiares em que sua expressão se manifeste por meio de carinhos e ternuras. Ou seja, não se compreende bem seu real conceito.

Prega-se o amor, mas ninguém sabe em que consiste porque não se veem as ações que o constituem, e se olha para ele como a expressão de um sentir. (...) O amor não é um sentimento é um domínio de ações nas quais o outro é constituído como um legítimo outro na convivência.

(MATURANA, 2009, p. 33)

Aprendemos com Maturana (2009) que o amor não se trata apenas de um sentimento, mas de um comportamento em que o outro é tratado com respeito e dignidade, onde o aceitamos como de fato é. Para Pereira e Hannas (2000) um educador-líder encantado pelo amor e pela compreensão atrai o próximo a conviver

com ele. “É preciso que haja educadores-líderes amorosos. Quem ama educa. O amor relaxa, solta, cria, compreende, cura, salva. Amar é preciso.” (p. 171). Neste sentido, creio que inovamos em educação quando educamos com amor, pois nos preocupamos com o aprendiz e procuramos desenvolver métodos eficazes não apenas à acumulação de conteúdos, mas de saberes para a vida.

Segundo Cunha (2002), para os alunos atuais o *Bom Professor* é aquele que domina a matéria, apresenta de forma adequada e tem bom relacionamento com o grupo. O que, de certa forma, as professoras relataram, pois os elementos citados como imprescindíveis para o desenvolvimento de uma M.I. relacionam-se às aptidões de um “bom professor”.

1. Proposta de aprendizagem por projetos

Por acreditar ser um método inovador em educação, propus o método de aprendizagem por projetos. Aprendizagem por projetos surgiu no século XX com a ideia de ensino global. Atualmente, o método foi atualizado e propagado por Hernández (1998) o qual a chama de projetos de trabalho. Aprendizagem a partir de problemas, pedagogia de projetos ou projetos de trabalho possui o mesmo sentido segundo diferentes autores.

O termo projeto é bastante recente em nossa cultura. São associadas a esse termo diferentes acepções: intenção (propósito, objetivo, o problema a resolver); esquema (design); metodologia (planos, procedimentos, estratégias, desenvolvimento). Assim, podem ser concebidas a atividade intelectual de elaboração do projeto e as atividades múltiplas de sua realização. (Boutinet, 1990)

A aprendizagem a partir de projetos coloca como protagonista do ato educativo o próprio aluno, uma vez que as propostas a serem trabalhadas partem das próprias experiências dos alunos e são construídas coletivamente. Não se trata de um abandono do currículo e dos conhecimentos do educador, mas de uma adaptação à realidade vivida pelos alunos, pois afinal, como afirma Saviani (2008, p. 45), “dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação”.

Quando procuramos nos recordar dos conteúdos estudados em nossa época de escola, logo nos vêm à cabeça aquelas aulas de matemática ou de língua portuguesa, para não falar das outras, descontextualizadas e para as quais, ou até mesmo para o próprio professor, perguntávamos “por que preciso estudar isso?” e as respostas não eram suficientes. Todavia, os indivíduos constroem seus

conhecimentos em interação com o cotidiano, com o próximo, fazendo uso de suas capacidades pessoais. É nessa esteira que se centra a aprendizagem por projetos.

Os projetos de trabalho constituem um planejamento de ensino e aprendizagem vinculado a uma concepção da escolaridade em que se dá importância não só à aquisição de estratégias cognitivas de ordem superior, mas também ao papel do estudante como responsável por sua própria aprendizagem. Significa enfrentar o planejamento e a solução de problemas reais e oferece a possibilidade de investigar um tema partindo de um enfoque relacional que vincula ideias-chave e metodologias de diferentes disciplinas. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 88-89).

O texto, reflete a importância de não estarmos apenas concentrados em transmitir conhecimentos, mas, especialmente, nos centrar no desenvolvimento das capacidades do estudante em construir seu próprio conhecimento. Larrosa (2001, p. 28) lembra que “tudo o que faz impossível a experiência faz também impossível a existência”, precisamos tornar possível a aprendizagem significativa, sua existência na escola, em sua comunidade.

Como afirma Perrenoud (2001, p. 29), há de se ter cuidado para não ofuscar a realidade da vida cotidiana, pois o que interessa ao ser humano é: “ser amado, aprovado, encontrar seu lugar, exercer uma influência, arquitetar e realizar projetos, falar de si.” A aprendizagem por projetos baseia-se na escuta do outro, na escuta de suas inquietações e na busca coletiva de soluções para elas, além de tornar a aprendizagem multidisciplinar.

2. Aprendizagem por projetos como forma de diminuição de um dos maiores problemas enfrentados pelos professores em sala de aula: a indisciplina.

Após discutirmos e analisarmos as vantagens de se trabalhar através da aprendizagem por projetos, as professoras foram indagadas sobre qual seria atualmente o maior problema que elas têm enfrentado no processo ensino-aprendizagem. Das várias dificuldades apontadas, a mais mencionada foi a indisciplina, o que confirma o resultado da pesquisa realizado pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial (2008) que afirma que esse é o tema mais abordado em reuniões de pais e mestres. Passamos a pensar na indisciplina por meio de projetos de aprendizagem como estratégia para sua diminuição.

Deixo claro que o presente trabalho não tem como objetivo desvendar por completo o real motivo da indisciplina escolar e eliminá-la como mágica de nossas salas de aula, visto que se trata de um assunto bastante complexo e o tempo de que dispúnhamos não nos possibilitava tal aprofundamento. Entretanto, buscávamos levantar a reflexão de possíveis brechas deixadas por nós, professoras, para que ela existisse e, muitas vezes, persistisse em nossas aulas. Temos por objetivo também perceber o quanto os projetos de aprendizagem podem ser ferramentas fundamentais para a contribuição da diminuição da indisciplina escolar.

2.1. Refletindo acerca da indisciplina

Divididas em grupo, conceituaram o que para si significava indisciplina e mencionaram que alguns dos fatores para sua existência consentia em: falta de educação por parte da família; falta de interesse; falta de valores transmitidos pela família; falta de consciência de seu papel enquanto aluno; as crianças são educadas por meio da lei da compensação; a escola possui função de progenitora e aulas não são interessantes. Quando questionadas sobre o que era indisciplina, disseram que era a dificuldade de seguir regras e respeitar ao próximo.

Os fatores apresentados para a indisciplina são os que, segundo Garcia (1999) concentram-se em causas externas e internas à escola. As causas externas seriam as exercidas pela mídia, a violência social e o ambiente familiar. Já as causas internas incluem o ambiente escolar e as condições de ensino e de aprendizagem, a realidade social dos alunos, o currículo e o relacionamento professor-aluno. Aqui nos deteremos às causas internas à escola, uma vez que “na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina” (GARCIA 1999, p. 104).

Os processos de ensino e de aprendizagem exigem do professor uma atenção para descobrir quem é seu aluno e, em seguida, perceba a melhor forma de ensiná-lo. Pois, como afirma Paulo Freire, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 25). Portanto “saber que devo respeito à autonomia e a identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (FREIRE, 1996, p. 67). Ou seja, preciso ensinar de forma contextualizada e permitir que meu aluno construa conhecimento por ele mesmo.

Muitas vezes, a busca excessiva por disciplina faz com que se anule a identidade do aluno e torne a realidade escolar completamente distante da sua. Consequentemente, a escola se torna desestimulante e enfadonha, pois não encontra razão e utilidade para o que está sendo transmitido.

O ensino em parte é uma violência cometida contra crianças e adolescentes pela sociedade adulta, da qual eles se defendem como podem. Um sistema de pedagogia de domínio parece convincente quando a aprendizagem é uma opção livre, na formação de adultos, em alguns cursos da escolaridade pós-obrigatória; porém, na idade da escolaridade obrigatória tem de enfrentar a resistência por parte dos alunos a aprender mais do que o estritamente necessário para que a vida possa ser suportável. Ora, para muitos alunos, a vida pode ser suportável com muito menos de 85% de domínio. (PERRENOUD, 2001, p. 110).

Segundo o autor, o ato de ensinar é uma violência quando ocorre de forma impositiva nas informações, muitas vezes, sem sentido ao cotidiano do educando. Um adulto dominante decide por si próprio, ou regido pelo sistema, quais seriam as informações a serem aprendidas das quais, espantosamente, 85% delas não condizem com suas condições de vida, podendo pressupor que uma das causas da indisciplina esteja aqui, talvez a maior delas.

A educação indiferente às necessidades específicas de cada classe social, negando valores que lhe são próprios, a um só tempo, estabelece e propaga uma homogeneização, como se não houvesse classes sociais, e sim, um só povo, mascarando os interesses de classe, impedindo a real percepção do conflito inerente ao capitalismo. A educação ao impor valores alheios à tamanha diversidade, acaba por anular a identidade mesma dos diferentes grupos sociais, anulando-os. Dessa forma, reforça a dominação, instalando, mais que isso, a convivência e, consequentemente, a subserviência. (NAUFAL e BERARDI JR, 1989, p. 4)

O ambiente escolar é heterogêneo e a educação não deveria ocorrer sem levar em conta as particularidades do indivíduo. Cabe ao professor moldá-la. Dessa forma, justifica-se a aprendizagem a partir de problemas, pois leva em conta a identidade do educando e o contexto social em que está inserido. No entanto, precisa-se de dedicação e comprometimento por parte da escola e do professor.

Nesse sentido, o projeto de aprendizagem baseado em problemas pode contribuir para a diminuição da indisciplina em sala de aula. Participar de um ambiente em que sua individualidade é valorizada e respeitada é uma forma de motivação à frequência escolar e à participação ativa na construção do conhecimento, elementos que contribuem na prática do bom professor.

3. AVALIAÇÃO:

Inicialmente quero relatar minha experiência pessoal com a aplicação do módulo. Ao preparar meu material com os conteúdos que escolhi para serem debatidos, comecei com conceitos básicos que com o passar das aulas precisaram ser modificados e ampliados diante dos caminhos novos que tomavam. Larrosa (2001, p. 28) afirma que “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’”.

Foi a primeira vez que ministrei um curso para professores e, por esta razão, estava bastante apreensiva. Quando me deparei com as cursistas, que possuíam mais tempo em docência do que eu, o nervosismo aumentou. Mas o resultado foi recompensador. Planejei cada encontro e a cada aula ministrada precisava rever, modificar, melhorar determinados temas para que se adequassem e contribuíssem com os conhecimentos já adquiridos ao longo da jornada das cursistas.

Quase que sem dar-me conta, praticava o que estava tentando transmitir, que os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula precisam partir das necessidades do educando, caso contrário perdem o sentido.

Ao final, quando às questioneei sobre quais foram suas impressões dos temas discutidos, relataram o quanto foi importante para refletirem o que estavam fazendo em sala de aula e o quão pouco pensavam em seus estudantes no momento da preparação das aulas. Contaram que, muitas vezes, apenas repetiam atividades, conteúdos que foram aplicados em anos anteriores, sem adaptações à nova realidade que se apresentava. Perceberam que a causa de boa parte da indisciplina vivenciada em sala de aula se dava aos espaços deixados por elas mesmas quando planejavam de forma dominadora o que os educandos precisariam ouvir e aprender, sem respeitar suas particularidades, necessidades e seus contextos historicamente construídos.

Muitas vezes fazemos o que fazemos por acreditarmos que é a forma correta de se fazer, é o que vemos e reproduzimos. No entanto, Freire (1996, p. 108) afirma “daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo”.

Em uma palestra, José Pacheco (2014) ensinou que o professor não ensina aquilo que diz, o professor ensina aquilo que é. Não podemos simplesmente impor informações dizendo que são importantes sem mostrar por meio da experiência que de fato são. Refletimos que nosso modo de educar precisa mudar mesmo que isso nos custe.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A intenção deste trabalho foi refletir o quanto nosso estudante tem sido valorizado dentro de todo o contexto escolar, já que é para ele que a escola e o professor existem. Nossos educandos, realmente, têm sido o centro deste processo?

Os processos de ensino e de aprendizagem necessitam ser pautados no estudante dentro de toda sua complexidade. É importante que o educador, munido de sólida teoria, incorpore na sua prática pedagógica os princípios primordiais citados por Freire: liberdade, respeito, diálogo e criticidade.

Precisamos nos reorganizar quanto ao trabalho pedagógico e ao trato com o conhecimento. Ensinar por meio de projetos de aprendizagem possibilita isso e permite, também, que o educando seja o protagonista neste processo, além de nos levar a uma reflexão contínua sobre a aquisição do conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. São Paulo: Leituras SME, 2001.

BOUTINET, Jean-Pierre. **Antropologia do Projeto**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

CUNHA, Maria Isabel Da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. São Paulo: Nacional, 1959.

FAGUNDES, Léa da Cruz. **Aprendizes do futuro: as inovações começaram**. Acessado em: 11 de Junho de 2015. Disponível em: <<http://www.oei.es/tic/me003153.pdf>>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. - 29ªed. -São Paulo: Paz e terra, 2006.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Curitiba, PR, 1999. Acesso em: 20 de janeiro 2015. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/275>>

Instituto Fernand Braudel (2008) - <http://en.braudel.org.br/news/archive/downloads/um-futuro-melhor.pdf>

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

NAUFAL, Maria Amélia Arantes S.; BERARDI, Eduardo Junior. **Educação: amando e transformando**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

NOVAES, A. (Org.) **Os sentidos da paixão**. São Paulo; Rio de Janeiro: Companhia das Letras/Funarte, 1987. P. 77-103.

PEREIRA, Iêda L.L.; HANNAS, Maria Lúcia. **Nova prática pedagógica: proposta para uma nova abordagem curricular**. São Paulo: Editora Gente, 2000.

PERRENOUD, P. **Construir competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

_____. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza: saberes e competências em uma profissão complexa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Noite de Diálogos com José Pacheco - Universidade Escola: Formação Inicial e Continuada, realizada no dia 08 de abril de 2014, no Colégio Estadual Sertãozinho, com carga horária total de 4 horas.